

A Plendor, meu Rei e querido amigo, cuja sabedoria tem sido farol em meus dias de pesquisa e silêncio.

Lembro-me com vívido afeto de nossas conversas na varanda da torre leste, quando ainda éramos jovens demais para o peso das coroas e velhos o bastante para suspeitar que o mundo era maior do que os mapas. Vossa majestade, então apenas Príncipe Plendor, falava com olhos acesos sobre montanhas jamais vistas, vales que apenas os bardos cantavam, povos cuja língua era mais música do que fala.

Quantas vezes me dissestes: “Ben, se eu não posso ir, vá tu por mim — mas escreve como se eu visse com meus próprios olhos!” E eu, é claro, prometi. Um historiador vale menos que uma folha seca se não puder cumprir promessa feita a um amigo.

Agora, tantos anos e tantas linhas depois, cumpro essa dívida mais uma vez. Não é o mesmo que pôr os pés no chão sagrado de Caryndor, sentir o vento salgado vindo do leste ou ver as cinzas da batalha ainda fumegando sob a terra fria. Mas, veja, escrevo com a precisão de quem ama o ofício e com a ternura de quem escreve também para alguém que gostaria de estar lá.

Preservo, nestas páginas, mais que fatos: preservo tua curiosidade, tua fome por horizontes e tua reverência por cada gesto humano que constrói ou destrói uma nação.

Esta crônica, que ora começa, fala da queda de uma terra e da ascensão de uma mulher. Fala de Caryndor — não a cidade das espadas, mas a das escolhas. Que tu possas, em minhas palavras, caminhar por essas estradas como se lá estivesses. E, quem sabe, rir ou chorar onde eu ri e chorei, pois toda história verdadeira é vivida mais de uma vez quando bem contada.

Com reverência, amizade e tinta ainda fresca,

Ano Benkael 393 — Na companhia de meu estimado amigo, Astrik, o da Barba Cinza — que envelhece como um queijo forte: cada dia mais ranzinza, mas, curiosamente, mais valioso — recebi a infausta notícia: Caryndor sucumbira à supremacia de Hakerot.

Embora eu não tenha completado minha pesquisa, os relatos convergiam com inquietante consistência: Karith Bet Caryn, último bastião da resistência ao norte, tombara há poucos dias. Três jornadas depois, os hakerotianos, sedentos e organizados como enxames de gorgídeos em safra fértil, chegaram a Caryndor, resultando naquilo que muitos já chamam de O Silêncio das Rainhas — o conflito mais brutal registrado nos anais do Thalder Nórdico.

Enquanto preparo minhas, sinto-me compelido a escrever. Não apenas os horrores recentes, mas também a glória longínqua. Pois antes da queda, houve ascensão. E antes da ascensão, houve fuga. E antes da fuga, uma menina.

Uma menina chamada Caryn.

Em meados do ano 140 de Benkael, o Thalderis Central era um tabuleiro de xadrez jogado com punhais, onde as peças não apenas se moviam — morriam. Os reinos de Austerion e Gilkat, outrora irmãos no sangue e no vinho, haviam se tornado rivais insaciáveis. Brigavam não mais por terras, mas por orgulho ferido, e esse é o tipo de guerra que mais dura.

No olho desse furacão, nasceu Caryn Tash Gilkat, filha de Lord Brieno Tash, um estrategista de língua doce e punho de ferro, e da serena Lady Alisha Ashik Gilkat, cuja inteligência era sutil como a brisa antes da tempestade.

Aos dezoito anos, Caryn já perdera o que muitos não perdem nem aos oitenta: o pai, a casa, o chão. Lord Brieno tombou defendendo Abin Bet Gilkat, um feudo não muito grande, mas de grande importância simbólica, pois era onde seus antepassados haviam fincado os primeiros pilares. Em seus últimos suspiros, mandou um servo fiel — Tollen, o Escudeiro Mudo — escoltar Alisha, Caryn e o pequeno Lydon, irmão caçula, para longe das lanças austerianas.

E assim começou a jornada.

Dois anos de poeira nos olhos e calos nas mãos. Atravessaram florestas onde o silêncio fazia mais medo que o uivo de lobos. Dormiram sob pontes, comeram raízes, venderam joias por pão. Lydon, então com apenas doze verões, já empunhava a espada com coragem; Lady Alisha recitava histórias para manter acesa a chama da esperança. Mas foi Caryn quem manteve todos vivos. Ela traçava os caminhos, negociava abrigo em vilarejos suspeitos, decidia quem confiar — e quando correr.

A morte de Tollen, esfaqueado por saqueadores enquanto montava guarda, foi um divisor de águas. A dor não a dobrou. Tornou-se aço.

Encontraram refúgio temporário nas terras do bom Irihash, um agricultor de coração vasto como suas terras, mas com a cabeça tão leve que as galinhas o enganavam. Durante uma estação — a das folhas queimadas pelo sol — Caryn trabalhou com afinco, quase obsessivamente. Economizava, trocava, planejava. Ela não queria apenas sobreviver: queria reconstruir. Comprar terras, estabelecer raízes, plantar algo que não fosse medo.

Mas como bem sabemos, o destino gosta de zombar dos preparados.

O feudo de Irihash foi atacado por bárbaros liderados por Bruveh Poorgum, um homem grande como um carvalho e tão gentil quanto um javali ferido. Oriundo das frias terras de Igith, onde o inverno parece

morar o ano inteiro, Bruveh era filho de um rei que não sabia ler e neto de uma lenda que sabia matar.

Lydon caiu nesse ataque, defendendo a mãe e a irmã com a ferocidade de um guerreiro e o coração de um poeta — sim, poeta. Seus rabiscos inocentes ainda estão guardados em minha estante. Caryn e Lady Alisha foram levadas como prisioneiras. Para muitos, aquilo seria o fim da linha. Para Caryn, foi o início de uma revolução.

Nos campos bárbaros, onde a lei era grito e a justiça era força, Caryn não apenas sobreviveu: ascendeu.

Aprendeu rápido: quem batia primeiro, quem mandava calar, quem tinha o medo dos outros. Mas ela escolheu outro caminho. Conversava. Organizou os estoques de comida, resolveu disputas menores, ensinou os filhos dos bárbaros a contar e medir. Usava seu dom com o verbo e sua calma que irritava os brutos — mas, curiosamente, também os cativava.

Foi nesse ambiente hostil que ela elaborou o Código Bárbaro — um conjunto simples de regras, mas poderoso o bastante para substituir a espada pela palavra em muitos casos. Foi chamada de louca, de bruxa, de fraca. Mas ninguém a chamou de burra. E, aos poucos, até os brutos mais teimosos aprenderam que a ordem também podia cheirar a sangue, só que sem tanto desperdício.

Quando Bruveh morreu em um ataque mal planejado a Fileia Bet Filen, Caryn não apenas foi tolerada: foi escolhida. Uma parte da tribo aclamou sua liderança. Outra parte a desafiou — em especial, um tal de Rokh Taan, que acreditava ser neto de um urso. Enfrentaram-se num duelo ritualístico, com lanças curtas e olhos longos. Caryn venceu, não pela força, mas pela paciência: esperou que Rokh se cansasse. A vitória foi limpa. O respeito, definitivo.

Como líder, rompeu com o passado. Libertou todos os escravizados, oferecendo cidadania e abrigo em troca de lealdade. Vendeu boa parte dos recursos acumulados, mesmo enfrentando resistência dos mais gananciosos. Com a fortuna obtida, adquiriu terras ao redor de Fileia Bet Filen, terras que ninguém queria, mas que ela fez florescer.

Ela não plantava apenas trigo. Plantava sistemas. Estabeleceu uma rede de comércio, investiu em infraestrutura, atraiu ferreiros, curandeiros, construtores. E, com isso, fez com que bárbaros, agricultores, artesãos e comerciantes dependessem uns dos outros — e dela.

Quando finalmente tomou Fileia Bet Filen, já não havia dúvida: nascia Caryndor. E morria, discretamente, Caryn Tash Gilkat. Agora, ela era Caryn Ashik, fundadora de um novo ideal.

Ela governou por longos anos, com cabeça firme e mãos gentis. Estabeleceu a tradição de que apenas mulheres subiriam ao trono — não por ódio aos homens, mas por reverência à força que salvou Caryndor: a força das mães, das irmãs, das filhas.

A Caryndor que tombou diante de Hakerot não era apenas um reino: era um experimento. Uma semente rara que brotou num solo árido e floresceu sob sol e espada.

E Caryn? Caryn tornou-se mais que uma rainha. Tornou-se símbolo. Tornou-se ideia.

E ideias, como bem sabe Vossa Majestade, não morrem com paredes derrubadas. Elas viajam, disfarçadas de histórias — como esta.

Karith Bet Caryn, dizem, caiu ao entardecer. Quando cheguei, o sol já não ousava descer ali — pairava eternamente preso entre as nuvens, como se hesitasse em testemunhar o que restara.

Foram sete dias de marcha desde Oltarion, com paradas em vilarejos sem nome, onde os sobreviventes falavam pouco, ou demais. Dormi em estrebarias, comi o que consegui trocar por páginas arrancadas do meu próprio diário, e andei mais do que devia com o tornozelo inchado — não por orgulho, mas por pressa.

No segundo dia, encontrei o menino Dan, de uns doze invernos, sentado sozinho ao lado de uma carroça tombada, os olhos tão vazios quanto a carroça. Não pediu ajuda, nem chorou. Apenas me olhou como se me conhecesse — não a mim, mas o tipo: o homem de capas, penas e perguntas. Falei pouco, ele falou menos. Mas quando mencionei Caryndor, seus lábios tremeram.

“Ela disse pra correr. Eu... eu não queria. Ela empurrou. A mulher de armadura dourada. Ela tava ferida. Mas empurrou. Me botou num buraco e disse ‘Fique quieto. Não faça som. Quando não ouvir nada, fuja’. Eu fiquei muito tempo. Muito mesmo. Quando saí, tudo tava queimado. Não vi mais ela.”

— Dan, refugiado anônimo.

No quarto dia, encontrei uma caravana de feridos. Não soldados — camponeses, padeiros, artistas, mães. Gente comum com olhos que viram demais. Havia uma mulher de cabelos trançados segurando um bebê que não chorava mais. Ela falava sozinha, repetindo uma canção antiga de ninar. Os outros a deixavam em paz.

Um velho — Torban, um escultor de ídolos — me reconheceu como cronista. Chorou ao me ver. Não por mim, mas por ter alguém a quem contar.

“Eu vi Karith ruir. Vi os portões cedendo, mas não pelas catapultas — foi por dentro. Alguém traiu. Alguém abriu. Os soldados estavam firmes. Mas quando os gritos começaram dentro das muralhas, tudo virou

fumaça. Havia fogo vindo do chão, juro. Do chão! E aquelas bestas... não eram homens. Não podiam ser.”

— Torban, escultor de ídolos da Casa do Luar.

No sexto dia, entrei em uma clareira onde árvores negras pingavam seiva espessa — parecia sangue congelado. Ali, jaziam corpos enfileirados com certo cuidado. Não havia sinais de batalha. Somente um último respeito. Um grupo de elfos do Sul, liderados por uma tal de Alivenar, guardava o lugar.

Disse-me que Karith caíra lutando, mas não implorando. E que a última transmissora de Caryn, a rainha Elyria Ashik, caiu com espada em punho, mesmo após perder o braço.

Alivenar me concedeu uma hora para vasculhar os corpos em busca de identificação. Não por respeito à ciência, mas por misericórdia às famílias que talvez ainda esperem cartas. Foi ali que encontrei o anel de Lasha Bet Diren, conselheira real, com seu lema gravado: “Falar é governar.”.

Anotei tudo.

No sétimo dia, cheguei a Karith. Ou ao que restava. Era uma concha vazia, mas uma concha ainda imponente. Torres queimadas, sim, mas de pé. Portões partidos, mas ainda guardando silêncios densos. Não havia saqueadores. Não havia inimigos. Só eco e poeira.

Entre pelas traseiras, por uma abertura feita em pedra, provavelmente usada na fuga dos últimos civis. Dentro, as ruas eram sepulturas. Estátuas derrubadas. Bandeiras pisoteadas. E, no centro da praça maior, uma inscrição em carvão numa parede:

“Aqui lutamos não por vencer. Mas para não esquecer.”

Chorei.

Num canto da biblioteca — agora apenas fuligem e madeira — encontrei uma jovem sobrevivente, Ina de Sulmor, de feições severas e voz embargada. Estava recolhendo o que podia dos cadernos queimados. Disse que fora escriba do Arquivista-Mor.

“A última ordem foi: que se salve ao menos uma página, uma qualquer. Porque quem não se lembra do passado comete os mesmos erros no futuro.”

— Ina, escriba do Arquivista-Mor de Karith. Entregou-me três páginas parcialmente intactas de um dos Diários da Corte. Em breve, pretendo restaurá-las.

Ao deixar Karith, escrevi numa pedra, com minha adaga, aquilo que sinto ser o único epitáfio justo: “Caryndor, resistência”.